



O Signo e o Tonel

*José Martinho*¹

A Poesia existe, mas não falarei aqui da sua História e sim da «essência». Não o farei em poeta, nem, como pode parecer, em filósofo, mas como psicanalista preocupado com o lugar da Poesia na Psicanálise.

No dia-a-dia de uma análise, o analisando fala, sublima, narra a epopeia do ódio e do amor, faz poesia à sua maneira, e o analista corta, introduz a pontuação que falta nessa fala, para que se possa ler o texto, separando sempre, ao pé da letra, o que neste é efeito de sentido do significante e o que é simplesmente gozo.²

Mas de que fala essencialmente a poesia? Para responder melhor a esta pergunta, dou a palavra ao poeta, a um dos grandes vultos da poesia portuguesa contemporânea: António Ramos Rosa (1924-2013). Numa entrevista que concedeu ao *Expresso* quando foi agraciado com o Prémio Pessoa declarou o seguinte: «A poesia é o retorno primordial, uma procura da mãe sob a figura da terra. Esta unidade entre a palavra e a terra é-lhe de certo modo impossível, e é esse o lugar submerso que move a escrita».³

É possível fazer pelo menos duas interpretações desta declaração: a primeira concluiria que toda a poesia é finalmente um retorno à mãe.⁴ Reencontraríamos aqui o delírio, o

¹ Antena do Campo Freudiano/New Lacanian School/Associação Mundial de Psicanálise.

² «Une séance d'analyse est toujours un effort de poésie, une plage de poésie, que le sujet se ménage dans une existence, la sienne, qui est gouvernée par l'utilité directe. La poésie, lorsqu'elle s'accomplit sous la forme d'une séance d'analyse, veut dire que je ne me soucie pas de l'exactitude, de la conformité de ce que je dis ou de ce que je veux transmettre» (Cf. MILLER. Jacques-Alain : <http://www.causefreudienne.net/etudier/le-cours-de-jacques-alain-miller/un-effort-de-poesie>).

³ *Expresso* do dia 19 de novembro 1988: <http://expresso.sapo.pt/fui-sempre-descrente-de-mim-mesmo=f831983>

⁴ Podíamos convocar aqui os dados antropológicos que indicam que as sociedades estão imensamente preocupadas com a fertilidade das suas mulheres e terras. Do estrito ponto de vista do mito ou da fantasia



sonho, a fantasia mais ou menos saudosista, forçosamente impotente, de muitos poetas, filósofos e até psicanalistas.⁵

A segunda leitura assenta no final do propósito de António Ramos Rosa. Ele lembra que o regresso à mãe sob a figura da terra é realmente impossível, e que é neste lugar que a escrita se move.

A questão que coloco a partir deste grau zero da escrita, é a da passagem, sempre contingente, do impossível ao que é possível e até necessário escrever.⁶

Sabemos que existem escritores que têm tanta necessidade de escrever como de respirar. Este sopro literal anima igualmente os poetas. Tomo agora como exemplo um de quem se disse ter sido a encarnação mesmo da Poesia: Friedrich Hölderlin (1770-1843).

Há igualmente em Hölderlin uma referência explícita à mãe. Eis o que escreve em *Germania*:

*Nomeia, ó filha, tu, da Terra sagrada!
Enfim, a mãe. Rumorejam as águas junto à rocha
E as tempestades na floresta, e ao nome dela
Ecoa de um tempo remoto a divindade do passado.*

incestuosa, o retorno à mãe é forçosamente precedido da eliminação dos obstáculos que se encontram no seu caminho, nomeadamente o pai edipiano.

⁵ Otto Rank atribuiu ao «traumatismo do nascimento» a origem de tudo o que é humano. Depois dele, uma importante parte dos psicanalistas pós-freudianos, nomeadamente os kleinianos, defenderam a tese da origem materna da poesia, da arte e de tudo o resto.

⁶ Refiro-me ao último ensino de Lacan, onde as modalidades lógicas são relacionadas com a escrita: Lacan define então o necessário como «o que não cessa de se escrever», o impossível, como «o que não cessa de não se escrever», o contingente, como «o que cessa de não se escrever», e o possível, como «o que cessa de se escrever» (cf. Seminário XX). Mas a poesia não é apenas caligrafia, escrita no sentido corrente do termo. Desde o início, no Ocidente como no Oriente, que se sabe haver também nela uma melodia e um tom, produzidos, diria, pela estimulação, ou até do sentimento que a língua introduz no ato de escrever do ser falante. Ritmos e rimas reorganizam o que liga desde sempre a poesia à música e ao canto (cf. nº 15/16 da revista *Afreudite*: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/issue/view/233>). Em *Rumo a um significante novo*, Lacan refere-se especificamente aos poetas chineses, dizendo que, se «existe qualquer coisa que nos dá a sensação de que eles não estão reduzidos [à escrita], é que cantarolam»¹. O psicanalista segue aqui o seu amigo François Cheng, quando explica, em *L'écriture poétique chinoise*, que existe nos poetas chineses «um contraponto tónico, uma modulação que faz com que se cantarole – com que haja um deslizamento da tonalidade à modulação» (LACAN, J. (1966/67). *L'insu qui sait de l'une bévue s'aile la mourre*, lição de 9 de abril 1967).



pp. 71-81

Aí temos o regresso à Terra sagrada, à rocha, à floresta, às águas, como se, num lugar qualquer dentro de si, o poeta não pudesse olvidar esse enraizamento, mergulhar no mar do incesto.

No entanto, é ainda Hölderlin que escreve num dos seus *Hinos*:⁷

Ein Zeichen sind wir, deutungslos

Schmerzlos sind wir und haben fast

Die Sprache in der Fremde verloren

Somos signo, sem interpretação

Insensíveis quase que perdemos

A palavra no estrangeiro

Estes três versos pertencem a um poema que teve vários títulos, entre os quais *Signo* e *Mnemósine*, a Memória.

Não se trata da memória enquanto capacidade de recordar tudo e qualquer coisa, mas da memória dos signos que falta ao homem que esqueceu o que ele é.

Os versos dizem, ainda, que o signo que o homem é não carece de uma interpretação que lhe dê sentido.⁸

⁷ Estes versos são da segunda versão de um poema escrito por Hölderlin já na época da designada «loucura». No dia 11 de setembro de 1805, a família e os amigos do poeta deixaram-no nas mãos do Dr. Ferdinand Autenrieth, responsável pela clínica dos mentalmente instáveis em Tübingen, cujo método curativo consistia em colocar uma máscara na cara do doente para que este fosse impedido de gritar. Hölderlin foi tido como louco desde os 35 anos de idade, mas não é este «diagnóstico» ou outros dados biográficos que me leva aqui a falar dele, nem a sua importância para o Idealismo Alemão. Freud e Lacan ensinaram que o psicanalista que se debruça sobre a vida e a obra de um artista ou de escritor criativo não deve brincar ao psicólogo, mas tentar apreender o que estes têm para lhe ensinar.



pp. 71-81

O problema levantado é o da insensibilidade daquele que se tornou estrangeiro, estranho a si mesmo, por se afastar, não da terra mãe, mas da pátria dos signos. É esta errância que o engana, o faz começar a estranhar a importância da palavra na nomeação do ser, logo a estranhar a palavra que apenas pode enunciar em seu nome.

É num tal desterro que Hölderlin não cessa de questionar para que servem os poetas em tempos de indignância?⁹

Os antigos Gregos, invocados por Hölderlin, tinham uma resposta para esta pergunta. Ela encontra-se na sua mitologia, onde Mnemósine, a mãe das Musas, é a grande inspiradora dos poetas, daqueles que não arredam pé da pátria da palavra, que persistem em habitar nela e recordá-la ao homem.

Na segunda parte da sua obra, Martin Heidegger, que António Ramos Rosa lia, comentou abundantemente este e outros poemas de Hölderlin. De braço dado com os poetas, o filósofo lembrou então ao homem que ele «habita poeticamente esta terra», mas também que a linguagem é essencialmente *Poesis* (ποίησις) - de *poién* (ποιέω) -, criadora e cuidadora do Ser.

Deste diálogo entre filosofia e poesia, retirarei para o meu presente propósito que a *Poesis* (*Dichtung*) é a essência da linguagem, e se situa entre a Coisa (*das Ding*) e o objeto (*Objekt*):

⁸ O signo que o homem é difere do significado e do significante. Segundo a definição do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, o significante é a imagem acústica de uma palavra, e o significado a ideia ou conceito que lhe está associado. Lacan preferirá definir o significado como um efeito de significante, e este como a matéria-prima (fonema e letra) da palavra (falada e escrita). No último ensino de Lacan, o signo já não é mais o signo linguístico, que ele opunha anteriormente ao signo de Pierce, mas o que J-A Miller definiu no seu curso - *ce que fait un signe* - como um misto de S_1 e de objeto *a*. Em Comandatuba, no VIII Congresso da AMP, Miller deu o exemplo de uma analisanda que dizia que a angústia que lhe restava ligava-se ao corpo como uma vírgula, uma pausa de respiração. Os «sintomas são signos. Esta é uma abordagem diferente de sua abordagem como mensagem». «Por outro lado, os sintomas são necessários, diz ainda Miller, eles não cessam de se escrever» (<http://www.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>).

⁹ HÖLDERLIN, *Elegias*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1992, p. 59.



pp. 71-81

objeto

Poeisis

Coisa

Em *Que significa pensar?* Heidegger avisa o leitor que o ponto mais crítico do pensamento é quando este confunde o objeto e a Coisa.

«Coisa» é a palavra que Heidegger acabou por escolher para substituir uma outra bem mais usada e metafisicamente gasta: «Ser». «Coisa» é igualmente o termo que Lacan foi buscar ao *Esboço ou Projeto de uma Psicologia Científica*, de Freud, para, no Seminário VII, *A Ética da Psicanálise*, designar o real que o falante perdeu definitivamente, mas em torno do qual gira o velamento e desvelamento do seu mundo.¹⁰

Heidegger ensinou que a questão do Ser foi a questão fundamental da Filosofia. Mas também que esta tendeu a esquecer que o Ser mora na linguagem, o que fez com que fosse cobrindo o que ia descobrindo, ao mesmo tempo que se contentava com a descrição, explicação e compreensão dos entes.¹¹

Posso escrever agora do seguinte modo a indiferença ôntico (ente) - ontológica (Ser) em que terá banhado a Filosofia:

¹⁰ Este é o real que Freud situa «para além do princípio do prazer». Para um entendimento mais alargado do problema no ensino de Lacan, ler «Os seis paradigmas do gozo», de Jacques-Alain Miller (http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf).

¹¹ O Poema de Parménides diz: Sem o Ser dos entes/ que está apalavrado/não encontrarás o pensar. Ora foi precisamente o Ser dos entes - que Heidegger distingue do Ente Supremo (Deus) – de que fala Parménides que os véus da Filosofia foram milenariamente velando. O Ser ficou aí oculto na representação, essencialmente na lógica e teoria do juízo; e foi confundido com o Ter, com o Bem e os bens ou objetos possuídos.



ente

Filosofia

Ser

Vemos neste esquema como a linguagem da Filosofia se substituiu à da Poesia.

O que Lacan assinalou a propósito desta substituição é que a Filosofia tendeu a esquecer a função de cópula do verbo «ser» - alusão à Coisa sexual presente na Poesia -, sobretudo que tentou mascarar o Gozo do Ser, com o Belo, o Bem e pior ainda.¹²

Voltemos ao início da racionalidade filosófica. Apesar de ser um pouco poeta, Platão temia tanto o gozo dos poetas que considerou que estes deviam ser expulsos da Cidade-Estado, melhor dizendo, do projeto político da sua *Republica*.

Com Aristóteles, a obediência à Lógica fez com que a racionalidade emergente se tenha sobretudo interessado pelo modo de afirmar ou negar as proposições, pelo seu valor de verdade.

No final da Metafísica, Hegel procurou resolver a contradição lógica pela História, mas esta chega sempre tarde, pois só pode recapitular o que já aconteceu.

Mais do que memória do passado, a História é esquecimento da estrutura, por conseguinte, o homem não pode encontrar o signo que ele é no sentido da História.

Onde o deve então procurar?

¹² Apesar de ter traduzido e convivido com Heidegger, Lacan não deixou de apontar para o impensado do «pensamento» político do grande filósofo, para o gozo que o fez colaborar com o nazismo, defender o racismo ontológico e o antissemitismo. Este apontamento é hoje um facto bem documentado.



pp. 71-81

Podia-se pensar que bastaria procurar esse signo na pátria dos signos. Mas ainda que este lugar seja necessário, não é suficiente.

Na continuação do seu diálogo com Hölderlin, Heidegger cita um outro verso do poeta, desta vez sobre Sócrates e Alcibiades, o amado e o amante do *Banquete* de Platão. O verso escolhido por Heidegger é:

Quem pensa o mais profundo ama o mais vivo

É o amor que entra desta maneira na dança da racionalidade filosófica com a dição poética.

O filósofo não é o poeta, mas cada um pode espantar-se, dizer com profundidade o mais digno de ser pensado, amar à sua maneira o mais vivo. O mais vivo para o homem não é a vida, fenómeno natural que partilha com os outros viventes. Nos termos que introduzi até agora, podemos dizer que amar o mais vivo é amar o vazio (da Coisa) que permite ganhar e perder ao jogo do significativo. Daí que Lacan tenha dito que amar é dar o que não se tem a quem não o pede.

Qual a Coisa que está, de cada vez, em causa e questão? Esta questão esclarece-se se nos lembrarmos que Lacan começou por definir o sujeito como questão, e o objeto como causa.¹³ Sujeito e objeto juntam-se na miragem de Gozo da Coisa, fantasia que faz com que muito do que se diz sobre o amor seja irreal.

No final do seu ensino, depois de atravessar o ecrã e a lógica da fantasia, Lacan volta ao real do amor.

Neste mesmo período, retoma *Inibição, sintoma e angústia*, artigo em que Freud define o sintoma como signo e substituto da satisfação pulsional esperada e que não aconteceu.

¹³ Nos seus primeiros ensinamentos, Lacan construiu uma clínica das questões, na qual o sujeito histérico é aquele que questiona «sou homem ou mulher?», e o sujeito obsessivo, o que pergunta «estou morto ou vivo?». Na altura, esta questão incidia sobre o desejo, mas, mais tarde, ela incidirá sobre o gozo. No que concerne o objeto (pequeno a), Lacan define-o muito cedo como a «causa do desejo». Depois do Seminário sobre a angústia, o objeto (a) passará a ser «acoisa», o resto ou suplemento de gozo.



pp. 71-81

O sintoma, como signo do gozo que não foi vivido, pode fazer com que o sujeito fique à espera que algo aconteça, por exemplo um amor que faça finalmente sentido para ele; mas enquanto satisfação substitutiva, o sintoma não tem outro sentido senão o gozo sentido.

Aquilo que advém da repetição da diferença entre a marca do que não se passou e a que foi deixada pelo que foi vivido, entre o roteiro de viagem prometido pela fantasia e o sintoma como acontecimento de corpo é o desejo.

O desejo permaneceu um mistério até que Lacan levante um pouco o véu. Foi o que fez, quando afirmou que o desejo visa o ser.¹⁴

O falante demanda o ser que perdeu por força da sua alienação à linguagem, mas o desejo do que falta – cujo significante é o Falo - só permanece na sua indestrutibilidade inconsciente enquanto «metonímia do ser».¹⁵

Jogando com o equívoco do verbo «ser», Lacan precisa ainda algo mais, a saber, que aquilo que o desejo quer realmente é ser satisfeito.

Ora, a necessidade pode ser satisfeita, mas o desejo não. É aqui que o amor pode intervir realmente, fazer com que a exigência do Gozo condescenda ao desejo, que, como Eros, é filho de Poros (o Excesso) e de Pénia (a Falta).

É porque a poesia é o lugar onde desperta – de modo trágico-cómico - a insatisfação radical do desejo daquele que goza da linguagem, que a psicanálise de orientação lacaniana lhe confere a maior importância.

Decerto que, a dado momento do seu ensino, Lacan privilegiou o matema ao poema, mas o que lamentou no final foi de não ter poetado mais.¹⁶

¹⁴ LACAN, Jacques. (2013). Le Séminaire livre VI, *Le désir et son interprétation*. Éditions de la Martinière, Le Champ Freudien, Paris. p.60.

¹⁵ Mais precisamente, Lacan diz que o desejo é a «metonímia do ser no sujeito». O que falta como ser ao sujeito (*manque à être*) é procurado ao nível do objeto, por sua vez definido como «falta do ser» (*manque de l'être*). É ao significante desta falta desdobrada que Lacan chama o «Falo», definido então como a «metonímia do sujeito no ser». Cf. LACAN, Jacques. (2013). Le Séminaire livre VI, op. cit. p. 34.



pp. 71-81

Volto ao poetar de Hölderlin. Em *Hipérion*, o poeta também fala da linguagem como um «grande excesso», mas acrescenta que «o melhor permanece e descansa sempre nas suas profundezas como a pérola no fundo do mar».¹⁷

A linguagem transborda o suposto Ser, mas o melhor, para o sujeito, é o que falta no excesso.

O que resta ao sujeito é normalmente procurado no roteiro da fantasia: busca – através da fala e da escrita - o que ser que lhe falta; mas como não consegue apropriar-se desse Todo, é forçado a contentar-se com uma parte, o objeto da perda que Hölderlin chama a «pérola».¹⁸

A poesia tem na fantasia a sua matéria, mas não a sua forma. É esta última que faz com que a perda não se perca. Para isso, propôs Mallarmé, é preciso «cavar o verso».

É sobretudo esta ação de coveiro que faz com que Lacan diga que a interpretação psicanalítica devia se esforçar, não para ser bela, mas poética.

A linguagem quotidiana também é poesia, mas que vive na espuma dos dias. As palavras funcionam nela como as moedas usadas que Mallarmé dizia se apagarem no seu valor ao passarem de mão em mão em silêncio.

Ao contrário do discurso comum, assim como do vocabulário utilitário e técnico, a poesia viva é recreio onde a linguagem se recria, cria o poema e mais raramente o poeta.

Ser poeta, vociferava Florbela Espanca, é «condensar o mundo num só grito». Para que haja poeta não é suficiente partilhar com outros o que se diz na língua de toda a gente, é preciso que Um só grite o mundo na língua que fez sua.

No fundo, este grito provém da violência inicial da Palavra sobre a Coisa.

¹⁶ LACAN, J. (1966/67). *L'insu qui sait de l'une bévue s'aile la mourre*, lição de 10 de Maio de 1967.

¹⁷ HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou o eremita na Grécia*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003 p. 123.

¹⁸ Esta «pérola» escondida no mar, como acontece com a ostra, não anda muito longe da joia (*agalma*) que se encontra dentro do Sileno do *Banquete* de Platão.



pp. 71-81

O ato da Palavra é um ato violento. A Palavra enriquece o real, confere-lhe som e sentido, mas só depois de o furar, penetrar, esvaziar de qualquer conteúdo ou gozo prévio.

Este é o traumatismo – Lacan escreveu *troumatisme* – originário do vivente condenado à linguagem, anterior a toda clivagem sujeito/objeto.¹⁹ É dele que nos fala também Hölderlin, quando diz que tudo se afigurou para ele como «o tonel eternamente vazio das Danaides».²⁰

A imagem mítica das Danaides não cessando de encher sem sucesso um tonel furado serve aqui ao poeta para formular o problema de fundo e a solução que encontrou.

Insatisfeito com o seu destino no século, o poeta ermita procurou transcendê-lo. Diz-nos, então, como respondeu à *Hýbris* das Danaides, como julgou ter tapado todos os furos que o afligiam: «a minha alma jorrou esbanjando amor para preencher todas as lacunas. Então não vi mais nenhuma lacuna, e o tédio da vida não me oprimiu mais [...] Fielmente, como um eco, dei a cada coisa o seu nome».

Hölderlin expressa aqui o gozo que experimentou, semelhante ao de Deus que criou e apreciou a obra feita. Mas mesmo que esta crença na fiel correspondência entre o nome e a coisa releve de uma outra mais antiga ainda, a da verdade como adequação da palavra, do pensamento e do mundo, ou esteja relacionada com a esquizofrenia de que sofria, o amor referido nesta passagem é sobretudo o amor da língua.

¹⁹ Lacan refere-se ao que diz Aristóteles do trauma originário como separação entre *hypokeimenon* («sujeito») e *einai* (Ser) ou *ousia* (Substância). Apesar da imagem do traumatismo do nascimento poder surgir uma vez mais aqui, aquilo que Lacan indica é que esta separação concerne o instante em que o significante penetra no real da vida do indivíduo da espécie, deixa a sua marca no corpo (Um), ao mesmo tempo que sacrifica uma parcela dessa vida (a) e cria o sujeito falado e falante (S). Trata-se, pois, de uma operação anterior às clivagens eu/mundo, mãe/bebé, mau/bom seio, etc.

²⁰ HÖLDERLIN, F. *Hipérion ou o eremita na Grécia*, ibid. p. 46 (tradução ligeiramente modificada). No Seminário *O avesso da psicanálise*, Lacan faz uma referência explícita ao «tonel das Danaides», para dizer que, por mais escasso ou excessivo, o gozo extravasa qualquer contentor.



pp. 71-81

É a linguagem que introduz no real a falta e lhe permite dar um nome. É também a língua que permitiu a Hölderlin nomear, fazer existir cada coisa, incluindo o sintoma que amou como si mesmo.

É sobretudo quando urge sair da terra de ninguém que se torna impossível prescindir do amor. Deixo as últimas palavras ao poeta que citei no início, António Ramos Rosa:

Não posso adiar o amor para outro século

não posso

ainda que o grito sufoque na garganta

*ainda que o ódio estale e crepite e arda...*²¹

²¹ <http://www.escritas.org/pt/antonio-ramos-rosa>